



## “ENCHAM OS OLHOS DE PAISAGEM!” – ENSINANDO A OBSERVAR EM GEOGRAFIA. UMA PROPOSTA TAXÓNOMICA

### “FILL YOUR EYES WITH LANDSCAPE!” - TEACHING TO OBSERVE IN GEOGRAPHY

Fátima Velez de Castro

Universidade de Coimbra / CEGOT / RISCOS.  
Portugal. PhD em Geografia  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3927-0748>  
E-mail: [velezcastro@fl.uc.pt](mailto:velezcastro@fl.uc.pt)

#### RESUMO

A “observação” constitui-se como um pilar metodológico da Geografia, que se fundamenta no olhar holístico da(s) paisagem(ns). Para isso, é preciso solidificar a dimensão científica que se exige da observação ponderada, cuidada e sistematizada por princípios que regem procedimentos válidos e previamente definidos. Este artigo tem como objetivo principal discutir formas de olhar a paisagem, do ponto de vista da Geografia Humana, assim como refletir sobre a importância dos materiais visuais, bem como das práticas de observação. Pretende-se sistematizar uma taxonomia de observação, útil para fundamentar a investigação científica, assim como para ser usada em contexto académico de sala de aula. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um trabalho reflexivo, tendo sido selecionados para a formulação textual as obras de um conjunto de autoras e autores com estreita ligação à geografia humana (social e cultural); a exploração metodológica da observação, como forma de ligar indivíduos e paisagens; a capacidade de estabelecer um diálogo interdisciplinar entre várias ciências.

**Palavras-chave:** Paisagem. Observação. Geografia humana. Metodologia.

#### ABSTRACT

*Observation” is a methodological pillar of Geography, which is based on the holistic view of the landscape(s). For this, it is necessary to solidify the scientific dimension that is required of considered, careful and systematic observation by principles that govern valid and previously defined procedures. The main goal of this article is to discuss ways of looking at the landscape from Human Geography's point of view, as well as to reflect on the importance of visual materials as well as observation practices. The aim is to systematize a taxonomy*

*of observation, useful to underpin scientific research, as well as to be used in an academic classroom context. From a methodological point of view, this is a reflective work, having been selected for the textual formulation the works of a group of authors and authors with close links to human geography (social and cultural); the methodological exploration of observation, as a way of linking individuals and landscapes; the ability to establish an interdisciplinary dialogue between various sciences.*

**Keywords:** Landscape. Observation. Human geography. Methodology.

## **RESUMEN**

*La “observación” es un pilar metodológico de la geografía, que se basa en la visión holística del paisaje o los paisajes. Para ello, es necesario solidificar la dimensión científica que se requiere de una observación considerada, cuidadosa y sistemática por los principios que rigen los procedimientos válidos y previamente definidos. El objetivo principal de este artículo es discutir las formas de ver el paisaje desde el punto de vista de la Geografía Humana, así como reflexionar sobre la importancia de los materiales visuales así como de las prácticas de observación. El objetivo es sistematizar una taxonomía de la observación, útil para sustentar la investigación científica, así como para ser utilizada en un contexto de aula académica. Desde el punto de vista metodológico, se trata de una obra reflexiva, habiéndose seleccionado para la formulación textual las obras de un grupo de autores y autoras con estrechos vínculos con la geografía humana (social y cultural); la exploración metodológica de la observación, como forma de vincular a los individuos con los paisajes; la capacidad de establecer un diálogo interdisciplinario entre diversas ciencias.*

**Palabras-clave:** Paisaje. Observación. Geografía humana. Metodología.

## **INTRODUÇÃO**

Em maio de 2016, no âmbito do “I Colóquio em Didática e Ensino” da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tive oportunidade de ser convidada a apresentar a comunicação intitulada “Encham os olhos de paisagem! A importância da observação no ensino da Geografia”. Fui buscar a primeira frase do título e a natureza deste trabalho às frases atribuídas e às muitas histórias que tinha ouvido contar sobre o consagrado Professor Alfredo

Fernandes Martins, insigne docente da instituição, que teve um papel decisivo e marcante na Geografia portuguesa em geral, e na Geografia de Coimbra em particular. Mais do que ensinar, esta figura docente ímpar marcou várias gerações de geógrafas e geógrafos, aliando a investigação científica à prática pedagógica, na lógica do “investigador que ensina” (ALMEIDA *et al.*, 2006, p.117).

Esta escolha não foi em vão: “encher os olhos de paisagem” consagra o princípio primeiro da ciência geográfica – observar - de forma plena, os territórios que estão diante dos nossos olhos, num pressuposto de atenção inteira, com os cinco sentidos em uníssono, com a disponibilidade física e mental para se apreciar a imagem. Mas isso só não chega. É preciso associar a dimensão científica que se exige a uma observação ponderada, cuidada e sistematizada por princípios que regem procedimentos válidos, com possibilidade de auxiliar uma investigação previamente definida, tendo em vista o fornecimento de elementos analíticos.

Com base nas ideias preliminares apresentadas, este artigo tem como objetivo principal discutir formas de olhar a paisagem, do ponto de vista da Geografia Humana, sendo ainda considerados os seguintes objetivos específicos: refletir sobre a importância dos materiais visuais; analisar o sentido das práticas de observação; sistematizar uma taxonomia de observação científica.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de um trabalho reflexivo, tendo sido selecionados para a formulação textual as obras de um conjunto de autoras e autores consideradas/os fundamentais para a análise que se pretende realizar.

Foram três os critérios que presidiram à escolha, nomeadamente: a ligação à geografia, em especial à vertente disciplinar humana, social e cultural; a exploração metodológica da observação, como forma de ligar indivíduos e paisagens; a capacidade de estabelecer um diálogo interdisciplinar entre várias ciências.

Este último aspecto tem-se revelado extremamente útil, pois não seria possível uma abordagem territorial completa, se não existisse a possibilidade de diálogo entre a Geografia e outras ciências sociais, onde se irá buscar inspiração para a dimensão epistemológica, metodológica e interpretativa da paisagem.

Urge ainda referir que a publicação deste trabalho advém de um projeto de investigação intitulado "Representações da Paisagem", onde investigadores da área da Geografia e da Literatura, se têm reunido para discutir modos diferenciados de observar a paisagem, tendo como denominador comum a dinâmica dos territórios associada ao ambiente, à cultura, ao ensino e à sociedade.

## **O QUE É E O QUE SIGNIFICA "OBSERVAR"? CONTRIBUTOS PARA UMA METODOLOGIA VISUAL**

Começemos então por explorar o conceito mediador deste trabalho, o qual une o método com o objeto, a observação com a paisagem. O que é e o que significa "observar"? Sturken e Cartwright (2002, p.10) começam por sugerir que o ato de olhar é algo banal, que fazemos de forma arbitrária e inadvertida no nosso quotidiano.

Observar trata-se de um gesto, através do qual se estabelece um processo que inclui aprendizagem, interpretação, análise.

Perante este pressuposto, é-se levado a assumir que o "olhar" é algo inconsciente, instintivo, natural, que não implica uma relação analítica entre o observador, a observação e o observado, sendo um ato de natureza mecânica. Já "observar" é um processo complexo, que implica atenção, querer, vontade, que responde a um objetivo, a um propósito concreto.

Desta forma, o observador procura um posicionamento favorável, aguça a atenção (em colaboração com os restantes sentidos), assume procedimentos que possam clarificar e tornar mais eficazes a observação. Pode mesmo recorrer a tecnologia ou a outros instrumentos auxiliares,

conquanto persiga a visualização sistemática e analítica do objeto em causa (Figura 1).

**Figura 1 - Triângulo da observação.**



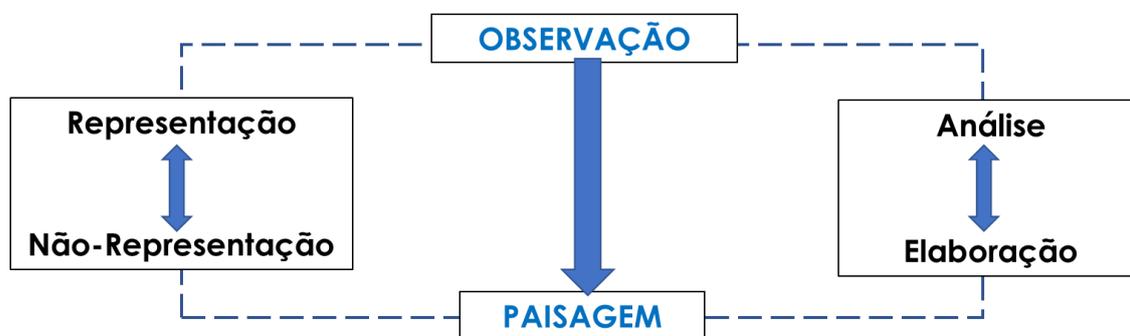
Fonte: Elaboração Própria (2020).

Berque (2009, p.104) invoca o pensamento agostiniano ao afirmar que a observação da paisagem deriva de uma noção objetiva – natureza - e de uma noção subjetiva – as profundidades da consciência do indivíduo. De facto, trata-se de uma relação entre o/a observador/a, e aquilo que é observado, pelo que se é levado a pensar que o ato de observar é dinâmico e múltiplo, que em face da multidão se pode tornar caleidoscópico e multifacetado, de acordo com a proporção de observadoras/es. Pisón (2009, p. 39) defende que a paisagem decorre de uma configuração objetiva, sendo que a sua morfologia se pode considerar completa apenas quando é observada, do ponto de vista científico, vivencial, pictórico, literário, etc.

A observação é o processo através do qual a paisagem se corporiza e ganha vida, adquire funções, valores, qualidades, sentidos.

Rose (2012, p. 10) foca-se em duas ideias binárias, como sendo ambas formas de olhar a paisagem: uma, de representação/não-representação; outra de análise/elaboração (Figura 2).

**Figura 2 - Visão binária sobre a observação da paisagem.**



Fonte: Elaboração Própria (2020), com base em Rose (2012).

No que concerne ao primeiro caso, significa que a afirmação interpretativa e a própria negação dessa abstractividade material sobre a dimensão paisagística, são ambas visões perceptivas de espectro oposto, mas plenas de significado perceptivo. Já no segundo caso, a autora destaca a dinâmica usuária, isto é, se a paisagem e os elementos visuais que a compõem são necessariamente objetos de investigação, ou se, por outra, são uma construção decorrente da visualização da própria e do próprio investigador.

No caso da Geografia Humana, Gilliam Rose assume que as imagens visuais paisagísticas como instrumentos de investigação, recorrendo-se às fotografias e filmes, à imagem fixa e à imagem em movimento. Não se pode, pois, deixar de considerar que se trata de objetos plenos de significado, influenciadores e influenciados pelo território e pelas territorialidades dos seus atores. Mitchel (2007, p. 121) vem, de certa forma, reforçar as ideias desta autora, ao referir que *“the degree to which landscapes are made (by hands*

*and minds) and represented (by particular people and classes [...]) indicates that landscapes are in some very important senses “authored”.*

No fundo, assume que o processo de observação analisa, mas ao mesmo tempo transforma, por assumir um papel caleidoscópico, tendo em conta a diversidade dos olhares. Esta diversidade não é apenas numérica – uma visão por cada indivíduo – mas vai mais além, interpondo uma variedade de olhares modelados pelo *background* académico, cultural, social, geográfico, etc. que determina a individualidade enquanto uma parte, e a pertença comunitária enquanto um todo.

Sturken e Cartwright (2002, p. 279) corroboram esta ideia, sendo que Morin (2009, p. 287) destaca a importância da observação nos estudos sobre a paisagem, não só em termos morfológicos, mas também simbólicos, dependendo sobretudo da perspectiva de quem observa, do propósito e da metodologia usada, a qual irá marcar a forma de ver e, sobretudo, de entender o(s) território(s).

Hay (2006, p. 193) identifica três grandes objetivos inerentes à observação: contar; complementar; contextualizar. Se a “contagem” a partir da visualização de uma paisagem tem um propósito numerativo, haverá necessidade de se “complementar” a dimensão quantitativa com a descrição fenomenológica do que se passa e como se passa.

Será, pois, necessário ir mais longe, para atingir aquilo que o autor designa de “entendimento”, sendo que este implica construir uma interpretação aprofundada daquilo que é observado.

## **A IMPORTÂNCIA DA OBSERVAÇÃO NO ENSINO DA GEOGRAFIA**

Como método científico, Heidrich (2016, p. 24) destaca a observação enquanto tipo de procedimento essencial à pesquisa qualitativa, sendo que Cloke *et al.* (2009) acrescentam à ideia o fato da visualização ser um princípio primeiro da Geografia. Recordando as palavras de Ribeiro (2012, p. 68) é preciso ter em conta que “[...] a observação direta do território está na base

de qualquer estudo. [A Geografia] Ciência de ar livre, o seu laboratório é a Natureza." Acrescente-se também "da paisagem", na medida em que, no contexto deste artigo, se está a considerar esta unidade territorial.

Este Professor e Geógrafo da Universidade de Lisboa, marcou e continua a marcar muitas gerações de estudantes e investigadoras. Sobre Ribeiro (2012, p. 11) revela que

Era esta a sua metodologia: a permanência nos lugares, um olhar demorado e atento a uma imensidão de detalhes que escapam ao cidadão comum. Era o entendimento da terra como quem lê um documento dinâmico e em permanente transformação.

Aqui temos plasmado a lógica do espaço-tempo, isto é, alia-se a possibilidade e a capacidade de observação da unidade espacial em análise *in loco*, numa lógica temporal de desaceleração, de paragem.

Schrumer-Smith (2002, p. 165) faz uma proposta muito interessante, aliando esta dinâmica ao ensino e ao trabalho de campo em Geografia. A autora refere que este método de trabalho com as alunas e os alunos é ideal para treinar as competências de visualização, assim como ensaia os participantes para a observação crítica. Promove também o empoderamento das/os jovens, sendo que a docente ou o docente em causa devem apenas disponibilizar a orientação necessária.

Quem vê serão as alunas e os alunos, os quais produzirão novas imagens e narrativas do trabalho de campo, tanto através de imagens fixas, como de imagens em movimento. Atente-se também nas ideias de Pocinho (2012, p. 56) a qual afirma que

Na observação, não é apenas importante recolher informações que traduzam o conceito, mas também obter outros dados que possam revelar fatos desconhecidos à partida, e que possam até alterar o curso inicial previsto do trabalho de investigação.

Acrescente-se ainda a alteração inicial prevista do “processo de planificação de ensino”, uma vez que a descoberta de dados previstos e imprevistos, gerará novas necessidades de alinhamento de aula, mas também trará às/aos docentes e às/aos alunas/os uma sensação muito positiva de superação das expectativas iniciais.

É por isso que se continua a defender que a observação se assegura como um método fundamental no ensino da Geografia, pois estimula a curiosidade e o espírito crítico, tornando as alunas e os alunos também elas/eles produtoras/es de conhecimentos.

Nesta linha de ideias, Ketele e Roegiers (1999, p. 25) defendem a observação como um método pedagógico, que implica o contato com os objetos que vão, pela percepção direta, admitir a apreensão imediata dos dados e informações. A observação baseia-se no funcionamento dos cinco sentidos, na percepção pessoal e em juízos de valor próprios, na capacidade de concentração e também no pensamento divergente.

Bell (2008, p. 161) chama a atenção para o fato de que a observação, embora seja algo natural e intrínseco ao ser humano, se trata de um processo que necessita de treino, qualificação, preparação científica, espírito crítico e argúcia.

Neste sentido, como método essencial em Geografia, é importante que as professoras e os professores da disciplina tenham em conta que urge conceber uma estratégia de aula desta natureza, tendo em conta uma base de trabalho precisa. Embora a observação caminhe muitas vezes ao lado do conhecimento empírico, é necessário fazer um uso metodológico de caráter científico e sistemático, com o objetivo de validar a recolha de dados e a obtenção de resultados fiáveis.

Desta forma, também se estão a criar hábitos corretos de investigação nas alunas e nos alunos, dando-lhes a conhecer práticas que poderão ser aplicadas em diversos contextos escolares, assim como replicadas no futuro académico e profissional.

## **SISTEMATIZAR A OBSERVAÇÃO: UMA PROPOSTA A PARTIR DO OLHAR GEOGRÁFICO**

Passaremos a apresentar uma proposta de taxonomia de observação científica, que possa servir de base à planificação do ato de observar em contexto científico e escolar, assim como de apoio à constituição dos capítulos metodológicos de trabalhos de investigação.

Assume-se a intenção de explorar a “observação estruturada”, assim denominada por Bryman (2016, p. 269), no sentido em que propõe a definição e observância de um conjunto de itens, os quais deverão ser tidos em conta na concepção e materialização da metodologia de pesquisa visual.

A proposta de sistematização do processo de observação foi influenciada pela discussão até aqui realizada, assim como pelas proposições atribuídas a autores como Chacón-Moscoso *et al.* (2019, p. 460), Ciesielska, Boström e Öhlander (2018, p. 37), Bryman (2016, 270) e Hay (2006, p. 194) que vêm clarificar perspectivas clássicas processuais, assim como inspirar novas conceções e proporcionar uma proposta mais completa e de síntese.

Nesse sentido, considerar-se-á a observação numa perspectiva cronotópica – dimensão espacial e dimensão temporal -, numa perspectiva técnica – dimensão investigativa – e numa perspectiva do objeto de estudo – dimensão do universo/amostra.

### **Dimensão espacial**

No que concerne a esta dimensão, considera-se que a observação se pode realizar, tendo em conta o “*Local*” onde a mesma decorre.

No caso de se tratar de um processo “*de campo*”, está-se a assumir que a/o investigador/a se desloca até ao sítio preciso de observação, ou, seja, que está presente na paisagem observada, podendo realizar a visualização diretamente e sem obstáculos.

No caso de se tratar de uma observação “*laboratorial*”, significa que os elementos observados podem ser levados para dentro do espaço formal a

que o/a investigador/a está associado, isto é, a imagem paisagística pode ser captada através de dispositivos fotográficos, de vídeo, etc, capazes de proporcionar uma visualização fora do local factual de estudo em causa.

Além disto, é necessário ter em conta o “Espaço” de observação, que pode ser “único”, caso o objeto investigativo seja apenas uma unidade paisagística, sem necessidade de alteração.

Todavia, pode ser necessária a observação de outras unidades de paisagem, seja para levantar, acrescentar ou corroborar a recolha de dados, seja numa lógica comparativa e, nesse caso, está-se perante um caso de observação “variada”.

### **Dimensão temporal**

Nesta dimensão, a inspiração decorreu das ideias de Freixo (2009, p. 195), que distingue a observação segundo o tipo: natural, sem haver possibilidade de planeamento; experimental – sendo planeada e orientada.

Tendo em conta a estrutura, o autor define a observação como sendo: assistemática ou não estruturada, ou seja, sem controlo prévio, consistindo num registo espontâneo dos dados; sistemática ou planeada/controlada, cujo processo é realizado em condições controladas, tendo em vista objetivos predefinidos.

Neste caso, optou-se por considerar que a observação, ao ser alvo de “Planificação”, pode adquirir duas vertentes, sendo que por um lado pode ser “programada”, se for realizada com base na definição prévia de objetivos, parâmetros e percursos. Por outro pode ser “espontânea”, sendo que neste ponto se adquirem duas objetivações: a primeira diz respeito a situações em que já existe um plano de observação programado, mas que, com o decorrer da investigação, surgem outras unidades passíveis de integrarem o estudo, o que acaba por decorrer, por circunstâncias diversas (por exemplo, logísticas, de deslocação, etc.) no momento de identificação dessa mesma

necessidade de observação, pelo que não há tempo para uma preparação prévia e planejada.

A segunda refere-se a situações de observação empírica, em que o/a observador/a é surpreendido com um fenômeno inesperado. Neste caso, a observação espontânea despoletará um estudo posterior, devidamente planejado e cientificamente realizado. No que concerne ao “Tempo”, a observação pode ser realizada em momento “único”, desde que a recolha de dados ocorra em situação isolada e irrepetível, ou então pode assegurar-se como “contínuo”, se decorrer em vários momentos.

De referir que a dimensão espacial está intimamente ligada com a dimensão temporal, por se assegurarem como coadjuvantes, sendo de extrema relevância a análise conjunta dos vetores espaço-tempo na observação dos territórios (Figura 3).

**Figura 3 - Observação: dimensão espacial e dimensão temporal**



Fonte: Elaboração Própria (2020).

Contudo, não podemos deixar de considerar uma visão mais holística, já que “espaço” e “tempo” se articulam, de forma imbricada, com as dimensões que as seguir se apresentam, e que dizem respeito à unidade/objeto de estudo – universo/amostra – e às características do/a pesquisador/a – investigação.

## **Dimensão do universo/amostra**

Para esta dimensão, a proposta é que a taxonomia se foque em três aspectos, em parte inspirados pela nomenclatura estatística, nomeadamente no que diz respeito à temática da amostragem. O primeiro em causa é o “*Critério*”, considerando-se como tal o processo de decisão, de escolha, de quem e do que deve ou não deve integrar a observação. Se por um lado temos elementos que podem ser alvo de “*inclusão*” da visualização, por outro podemos ter situações de “*exclusão*”, sendo que ambos os casos deverão ser justificados e validados por princípios criteriosos devidamente definidos.

O segundo é a “*Participação*”, referente à presença única ou múltipla dos elementos que são observados, melhor dizendo, as vezes que esses mesmos elementos se repetem. No caso de a participação ser “*com reposição*”, significa que o elemento em causa pode ser visualizado mais do que uma vez na(s) unidade(s) paisagística(s) em causa. Se for “*sem reposição*”, só há lugar a um momento de visualização.

Refira-se que este aspecto está ligado às dimensões do espaço e do tempo, por depender muito da variedade espacial e da periodicidade temporal daquilo que está a ser observado. Também se liga com o terceiro aspecto - a “*Unidade*” – referente à quantidade de casos observados, sendo que a mesma pode ser de carácter “*individual*”, se a visualização incidir numa unidade de paisagem, ou “*coletiva*”, se a visualização envolver várias unidades de paisagem.

## **Dimensão investigativa**

A proposta desta dimensão teve como base algumas ideias de Quivy e Campenhoudt (2008, p. 164), no que concerne à tipologia de investigação. Os autores consideram como observação direta aquela em que o/a próprio/a investigador/a procede diretamente à recolha das informações, sem contato com o universo/amostra em estudo.

Já na observação experimental, é o/a investigador/a que se dirige ao sujeito para obter a informação procurada, usando instrumentos específicos (por exemplo, questionários por inquérito, questionários por entrevista, etc.). Também as ideias de Freixo (2009, p. 195) foram importantes para o contexto em causa, sendo que o autor classifica a observação, de acordo com a forma de participação do/a observador/a. Identifica por isso a que tem caráter não participante, ou seja, em que o/a observador/a assume o papel de espectador/a, sem interferir no fenómeno, em contraposição com a de caráter participante, em que o/a observador/a se incorpora na paisagem e participa, tornando-se um elemento do estudo.

Desta forma, propõe-se que esta dimensão possa ser classificada quanto ao “*Envolvimento*”, na mesma lógica significativa de “*direta*” ou “*indireta*”; quanto à “*Participação*”, na mesma significativa de “*participante*” ou “*não participante*”.

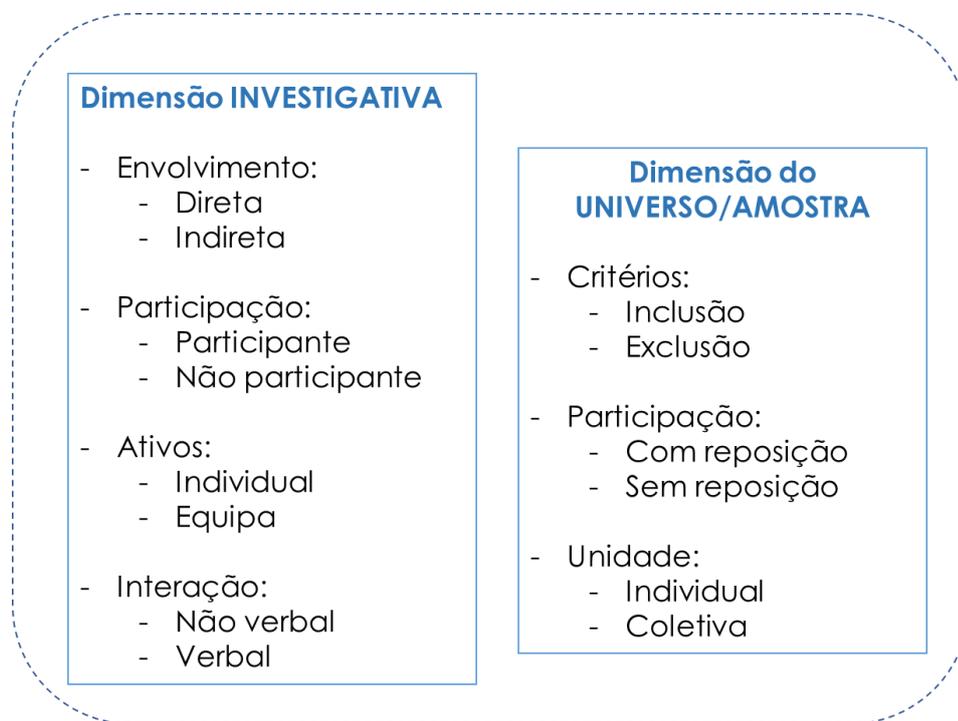
No que concerne aos “*Ativos*”, isto é, aos membros que participam no processo de observação, pode ocorrer uma visualização “*individual*”, caso fique a cargo apenas de uma pessoa, ou em “*equipa*”, quando há a participação efetiva de vários elementos.

A “*Interação*” estabelecida entre observadoras/es e observadas/os também é considerada nesta proposta de taxonomia, na medida em que vem esclarecer a forma de contato. A observação pode ser apenas “*não verbal*” e usar apenas a visualização como a forma de contato e de recolha de dados, mas também pode incluir uma dimensão “*verbal*”, em que a oralidade vem acrescentar mais um veículo de captação de informações.

A análise da Figura 4 deve ser feita em íntima relação com a Figura 3, na medida em que as quatro dimensões – espacial, temporal, investigativa, universo/amostra – funcionam numa lógica holística. As opções e as alterações de observação têm implicações em todos os domínios associados, uma vez que são interdependentes, numa lógica de coadjuvação, que em muito ajuda tanto o/a investigador/a organizar a pesquisa e a validar os

dados, como as/os leitoras/es a poder beneficiar dos resultados de estudos feitos com base num método cientificamente válido.

**Figura 4 - Observação: dimensão investigativa e dimensão do universo/amostra**



Fonte: Elaboração Própria (2020).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM BUSCA DO PANÓPTICO?**

Embora o ato de observar possa ser entendido como banal e intrínseco ao ser humano, assume-se como uma metodologia de trabalho fundamental em Geografia Humana, entre outras temáticas, no que concerne ao estudo da paisagem. Os materiais visuais ganham ainda destaque não só na investigação científica, como em contexto de ensino-aprendizagem, por se constituírem como relevantes, inovadores e motivadores, tanto para discentes como para docentes. Na busca pela validação e sistematização das práticas de olhar, foi apresentada uma taxonomia de observação científica, com o objetivo de proporcionar um modelo de referência para constituição de

quadros metodológicos em trabalhos de investigação, assim como de guião de trabalho em sala de aula/trabalho de campo escolar.

Este contributo para a discussão da observação, como método de trabalho em Geografia Humana, baseia-se na observação de natureza holística, mas não pretende atingir o apogeu do panóptico, no sentido da observação plena como uma expressão de poder (HAY, 2006, p. 197). Voltando à frase inicial que inspirou este artigo – “encham os olhos de paisagem!” – da autoria do Professor Alfredo Fernandes Martins, espera-se que este breve contributo possa servir para solidificar a dimensão científica que se exige de observação ponderada, cuidada e sistematizada por princípios que regem procedimentos válidos e previamente definidos.

No projeto de investigação intitulado “Representações da Paisagem”, continuaremos a discutir modos diferenciados de observar a paisagem, tendo como denominador comum a dinâmica dos territórios associada ao ambiente, à cultura, ao ensino e à sociedade, também do ponto de vista metodológico.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, António Campar; GAMA, António; CRAVIDÃO, Fernanda; CUNHA, Lúcio; MARTINS, Paula Fernandes; JACINTO, Rui. **Alfredo Fernandes Martins, Geógrafo de Coimbra, Cidadão do Mundo**. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos, 2006.

BELL, Judith. **Como realizar um projeto de investigação**. 4. ed., Lisboa: Gradiva, 2008.

BERQUE, Agustin. **El pensamiento paisajero**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009.

BRYMAN, Alan. **Social Research Methods**. 5. ed., Oxford: Oxford University Press, 2016.

CHACÓN-MOSCOSO, Salvador; ANGUERA, M.Teresa; SANDUVETE-CHAVES, Susana; LOSADA, José; LOZANO-LOZANO, José A.; PORTELL, Mariona. “Methodological quality checklist for studies based on observational methodology (MQCOM)”. **Psicothema**, Sevilha, v. 31, n. 4, p. 458-464, Jul. 2019.

*Geografia: Publicações Avulsas*. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.3, n. 1, Dossiê Temático/Edição Especial, p. 40-57, jan./jun. 2021.

CIESIELSKA, Malgorzata; BOSTRÖM, Katarzyna W.; ÖHLANDER, Magnus. Observation Methods. *In*: CIESIELSKA, Malgorzata, JEMIELNIAK, Dariusz (ed.), **Qualitative methodologies in organization studies**: Methods and Possibilities. Londres: Palgrave McMillan, 2018. p. 33-52. (v.2).

CLOKE, Paul; Cook, Ian; CRANG, Philip; GOODWIN, Mark; PAINTER, Joe; PHILHO, Chris. **Practising Human Geography**. Londres: Sage, 2009.

FREIXO, Manuel João. **Metodologia Científica, fundamentos e técnicas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

HAY, Iain. **Qualitative research methods in Human Geography**. 2. ed., Oxford: Oxford University Press, 2005.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. "Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade". *In*: HEIDRICH, Álvaro Luiz; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (org.), **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre Espaço e Cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. p.15-34.

KETELE, Jean Marie; ROEGIERS, Xavier. **Metodologia de recolha de dados**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

MITCHEL, Don. **Cultural Geography, a critical introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

MORIN, Karen M. Landscape: representing and interpreting the world. *In*: CLIFFORD, Nicholas J.; HOLLOWAY, Sarah L.; RICE, Stephen P.; VALENTINE, Gill, **Key Concepts in Geography**. 2. ed., Londres: Sage, 2009, p. 286-299.

PISÓN, Eduardo Martínez. **Miradas sobre el paisaje**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009.

POCINHO, Margarida. **Metodologia de investigação e comunicação do conhecimento científico**. Lisboa: Lidel, 2012.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 5. ed., Lisboa: Gradiva, 2008.

RIBEIRO, Orlando. **O Ensino da Geografia**. Porto: Porto, 2012.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies, an introduction to researching with visual materials**. 3. ed., Londres: SAGE, 2012.

SCHURMER-SMITH, Louis; SCHURMER-SMITH, Pamela. Field observation: looking at Paris. *In*: SCHURMER-SMITH, Pamela (ed.). **Doing Cultural Geography**. Londres: Sage, 2002, p.165-175.

STURKEN, Marita; CARTWRIGHT, Lisa. **Practises of Looking, an introduction to visual culture**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi desenvolvido no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), e apoiado pelo 'European Regional Development Funds', através do programa COMPETE 2020 – Operational Programme "Competitiveness and Internationalization", projeto 'POCI-01-0145-FEDER-006891'; e por Fundos Nacionais de Portugal através da Fundação Nacional para a Ciência e Tecnologia (FCT), projeto 'UID/GEO/04084/2013'.



POCI-01-0145-FEDER-006891